



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI
ARTES APLICADAS COM ÊNFASE EM CERÂMICA**

FERNANDO DE CONTO PEDERSINI

REFLEXÕES: UMA OPORTUNIDADE DE REVER CONCEITOS

SÃO JOÃO DEL - REI
2014

FERNANDO DE CONTO PEDERSINI

REFLEXÕES: UMA OPORTUNIDADE DE REVER CONCEITOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Artes Aplicadas – Ênfase em Cerâmica - como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Artes Aplicadas sob a orientação da Professora Luciana Beatriz Chagas.

SÃO JOÃO DEL - REI
2014

FERNANDO DE CONTO PEDERSINI

REFLEXÕES: UMA OPORTUNIDADE DE REVER CONCEITOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Artes Aplicadas – Ênfase em Cerâmica - como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Artes Aplicadas sob a orientação da Professora Luciana Beatriz Chagas.

COMISSÃO EXAMINADORA

Bruno Amarante

Letícia Martins Andrade

Cristiano Lima

DEDICATÓRIA

Esta monografia é dedicada à Rômer Castanheira, por sua dedicação, atenção, contribuição e paciência também dedico com muito carinho á minha Mãe e meus irmãos pelo amor incondicional e por suas presenças, e a todas as pessoas a quem este trabalho possa ajudar e contribuir!

AGRADECIMENTOS

A Deus,

À minha mãe Genura.

A Rômer Castanheira.

À professora Letícia Martins de Andrade

À minha Orientadora, professora Luciana Beatriz Chagas

E a todos que direta ou indiretamente ajudaram e/ou favoreceram para conclusão deste trabalho

LISTA DE FOTOS

FOTO 01 – Exposição do presépio	12
FOTO 02 – Vista Geral do atelier de Francisco Romero	13
FOTO 03 – Prateleiras com as cabeças (atelier)	14
FOTO 04 – Busto modificado (coleção particular)	15
FOTO 05 – Trabalhando no atelier de Romero	16
FOTO 06 – Imagem de Nossa Senhora das Mercês	18
FOTO 07 – Davi com a cabeça de Golias	20
FOTO 08 – Busto de Constanza	21
FOTO 09 – Materiais e primeira etapa do processo de modelagem.....	22
FOTO 10 – Etapas de modelagem.....	22
FOTO11 – Processo de cocagem	23
FOTO 12 – Busto da madrastra	25
FOTO 13 – Busto de Judas Iscariotes	27
FOTO 14 – Busto da Medusa	29
FOTO 15 – Busto de Caifás	31
FOTO 16– Busto do Vampiro Lestat	33

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	08
2.OBJETIVOS	10
2.1 Objetivo Geral	10
2.2 Objetivo Técnico	10
2.3 Objetivo Conceitual	11
3.HISTÓRICO PESSOAL	12
4.REFERÊNCIAS NA HISTÓRIA DA ARTE	19
5.METODOLOGIA	21
6.DESCRICÃO DOS PERSONAGENS	23
7.CONCLUSÃO	34
8.REFERÊNCIAS	35
8.1 Bibliografia	35
8.2 Filmografia	35
8.3 Sites de internet	35

1 INTRODUÇÃO

“Nada é tão puro quanto parece. Não existem heróis puros nem vilões incorrigíveis”. (SCHAMA, 2010, p.78.)

Modelar em argila foi algo que só veio a contribuir em minha vida em vários aspectos, não somente técnico, no qual pude alavancar minhas aptidões mecânicas aliadas ao conhecimento artístico, expressando-me de uma forma mais completa e realizada. A argila se torna a expressão material das ideias de quem a manuseia. Quando conhecemos seu tempo e suas características, podemos criar e dar vida aos mais intensos pensamentos.

O curso de artes aplicadas da UFSJ não só me proporcionou conhecer e trabalhar com o material em questão, mais também abriu varias portas de conhecimento artístico, onde pude aprender e me identificar com vários artistas que de alguma forma já abordaram o mesmo objetivo conceitual, que pretendo desenvolver neste trabalho de conclusão de curso. Durante minha permanência na Universidade, pude desenvolver não só meu lado profissional mas também pessoal, algo que considero de suma importância para alcançar a maturidade necessária para poder abordar um tema conceitual de uma importância social tão grande e tão necessária nos dias atuais. Com o objetivo de questionar e dar a oportunidade ao outro de se expressar e se justificar, o presente trabalho vem por meio de cabeças em argila tornar material e artístico esse conceito.

Um exemplo disso é a história de Branca de Neve e os Sete Anões* na versão de animação da Disney de 1937, onde a jovem é maltratada e injustiçada por sua madrasta. No conto não se permite conhecer os motivos que levaram esta a tomar tais atitudes contra a mocinha, taxando-a como uma vilã fria, sem direito a argumentação, onde nem sequer a personagem recebe um nome próprio. A análise a partir da obra pode ser precipitada e nem sempre pode transmitir o que o verdadeiro autor quis passar.

* Branca de Neve e os Sete Anões é um conto de fadas originário da tradição oral alemã, que foi compilado pelos Irmãos Grimm e publicado entre os anos de 1812 e 1822. Em 1937 foi criado seu filme de origem estadunidense do gênero romance e aventura sendo o primeiro longa-metragem de animação dos estúdios Disney.

A grande arte tem péssimos modos. A silenciosa reverência da galeria pode levar você a acreditar enganosamente, que as obras-primas são delicadas, acalmam,

encantam, distraem – mas na verdade elas são truculentas. Impiedosas e astutas com sua compostura e, atos contínuos põem-se a reorganizar seu senso da realidade. (SCHAMA, 2010, p10)

Com o objetivo de demonstrar aptidões técnicas desenvolvidas durante o curso, a valorização do material bem como seus conceitos sobre estudos preparatórios, as etapas do processo de produção e a apresentação da poética que o envolve, “Reflexões” questiona o comportamento da sociedade contemporânea que segue a passos largos rumo ao egocentrismo.

Alguns artistas conceituados e famosos perpassam o mesmo sentimento de dúvida quanto aos papéis dos cidadãos na sociedade e, por conseguinte, seus atos. Com isso acabam transmitindo esse sentimento para suas pinturas, esculturas e objetos de arte em geral, uma forma de expor seus principais conceitos e pontos de vista.

Então você olha para a chocante representação de Caravaggio como a cabeça cortada de Golias, o gigante filisteu. E vê algo que nunca havia sido pintado antes e nunca seria pintado novamente: um retrato do artista como um ogro, seu rosto uma grotesca máscara de pecado. É uma imagem de implacável autoacusação e certamente faz você pensar. (SCHAMA, 2010, p. 20).

Refletir no papel do bem e do mal, do lado bom da vida e do ruim, papéis que podem se inverter ou talvez nunca existiram, pois cada ser apresenta esses dois lados mas apenas o ponto de vista do espectador é que se altera. O escritor João Francisco Duarte Jr. comenta esse ponto de vista de forma a concordar com uma visão que altera o ator da ação.

As coisas do mundo se dão a nós da maneira como intentamos apreendê-las. Um quadro aparece ao espectador de maneira diferente do que se mostra à faxineira que deve espaná-lo, ou ao carregador da companhia de mudanças que precisa colocá-lo no caminhão. (DUARTE JUNIOR, 2004, p.13)

É importante discutir a reflexão, comportamento e visão social, ou seja, a forma com que a sociedade vê os personagens explicitados na prática e não só isso, conceituar os questionamentos que deveriam gerar o direito à dúvida, a empatia ao se colocar no lugar do outro e entender o porquê fez o que fez. Outra forma de contextualizar a teoria na prática é analisar as obras criadas em argila representando personagens, que foram julgados, mas não obtiveram o direito da dúvida. O trabalho traz relevância acadêmica e social a partir do momento que reconhece se tratar de uma necessidade atual.

A compreensão que temos das coisas e do mundo, dada através de palavras ou outros sistemas simbólicos, tem sempre um componente proveniente da esfera do sentir. Em outros termos: não há compreensão apenas racional, pura, objetiva. (DUARTE JUNIOR, 2004, p.23)

Para chegar a tais evidências, em termos metodológicos, foi realizada a análise de cinco bustos, confeccionados em argila, que exemplificam as proposições expressas na dissertação. Esses bustos são dos seguintes personagens da história, mitologia e ficção: Judas, Caifás, Vampiro Lestat, Medusa, Madrasta Má. Estes vão ser analisados a partir de procedimentos metodológicos, pesquisa bibliográfica e documental.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo Geral é promover a interação da teoria e da prática, é refletir no papel do bom e do ruim, papéis que podem se inverter ou talvez nunca existir, pois cada ser apresenta esses dois lados, apenas o ponto de vista do espectador é que se altera. Apropriando-se da técnica, é possível colocá-la em prática. Fundamentado nesse conhecimento (que veremos mais aprofundado no capítulo sobre Metodologia), se resumem os quesitos necessários para tornar possível a materialização desse conceito.

Ver de outra forma, ou dar uma segunda chance ao personagem, é ao mesmo tempo uma forma de reconhecer e aceitar sua condição humana, um misto de altos e baixos, de opiniões que podem mudar ou amadurecer ao adquirir conhecimento e incitar questionamentos sociais e de autocrítica.

2.2 OBJETIVO TÉCNICO

O objetivo Técnico se resume na demonstração das aptidões técnicas desenvolvidas durante a permanência no curso de Artes Aplicadas com ênfase em Cerâmica da UFSJ, especialmente as desenvolvidas nas disciplinas do núcleo de Arte e Design do curso, como por exemplo, Desenho de Observação, Plástica (Design e Expressão Artística), Modelagem do Corpo Humano, mas principalmente a disciplina de História da Arte.

A valorização do material é algo muito importante. Entender que uma obra não necessita ser produzida em materiais considerados nobres para estabelecer o diálogo com o espectador, faz com que percebamos que o verdadeiro valor se encontra na mensagem e não somente no produto.

É uma forma de questionar e rever os conceitos sobre estudos preparatórios, sabendo que em alguns lugares da Europa a argila unida à modelagem tem como objetivo servir somente a exercícios e como prova da capacidade do escultor, para executá-lo depois em material mais nobre como a madeira. Compreenderemos mais no capítulo que relata sobre meu curso na Espanha.

Entender as etapas do processo de produção, a capacidade técnica adquirida, antes e ao longo do curso, e a apresentação da poética que o envolve são essenciais para fundamentar análise destes cinco bustos em argila, que exemplificam as proposições expressas na dissertação.

2.3 OBJETIVO CONCEITUAL

O objetivo conceitual dessa teoria se dá pela experiência no decorrer dos anos de minha vida, em especial quando percebo que outras pessoas, ou até mesmo eu, nos envolvemos em situações de conceitos pré-estabelecidos, nas quais ficamos impedidos de demonstrar ou de reconhecer, as verdadeiras qualidades e incapacidades do outro. Essas situações acabam resultando em indiferenças improdutivas, podendo até proliferar uma imagem negativa, criada por um conceito pré-estabelecido de outrem.

Devemos verdadeiramente compreender nossa condição humana, sujeita a acertos e erros, e nos colocar do outro lado para tentar entender melhor o que o levou e se realmente tomou tais atitudes.

Não me dediquei ao campo da Psicologia para trabalhar melhor este tema, e sim a experiência que adquiri em minha vida. A análise a partir destes cinco bustos confeccionados em argila servirá, ou deverão servir, para exemplificar e tematizar o proposto nesta dissertação.

3. HISTORICO PESSOAL

Sou católico, sempre estive ativo e participativo das festas religiosas de São João Del Rei, e também sempre fui um grande admirador da arte sacra. Com onze anos de idade tinha a pretensão de obter uma imagem de Nossa Senhora das Dores em miniatura, tal qual a da catedral de minha cidade, fui então à procura de um escultor já renomado na época, mais devido à dependência financeira não qual eu me encontrava não pude fazer a encomenda.

Não derrotado decide eu mesmo fazer minha pequena imagem para vestir, assim como a da Irmandade dos Passos da catedral, fui então à busca de matéria prima para realizar esse sonho. E com a ajuda de muitas pessoas aos poucos fui conseguindo materiais e apoio para confecciona-la eu mesmo. Autodidata, fui desenvolvendo questões sobre anatomia e profundidade, observando ao passar do tempo, outras obras na igreja. Enfim, aos quinze anos, dei por encerrada minha peça, parti então para a confecção de novas peças, como um presépio, num conjunto de 6 peças e madeira para vestir que foram o ponto de partida da minha relação com a Espanha.



<http://saojoaodelreitransparente.com.br/projects/view/1055>

Graças a uma exposição a qual foi levado este presépio, tive contato com alguns espanhóis que visitavam a cidade, por meio deles conheci o trabalho de um dos maiores escultores sacros europeus da atualidade: Francisco Romero Zafra. Após algumas conversas e com o patrocínio da igreja de Nossa Senhora das Mercês, partia eu então para a Espanha na cidade de Córdoba, trabalhar e aprender deste grande mestre sacro.

A primeira vez que estive na Espanha, em 2007, foi com o objetivo de conhecer e fazer um breve curso de modelagem e escultura no atelier de Francisco Romero Zafra, em Córdoba. Ao chegar à Espanha me deparei com um mundo diferente, com maravilhosas esculturas sacras e profanas, uma grande quantidade de tecidos próprios para trabalhos artísticos, especiarias de muito valor que incorporam os valores culturais do local dentre outras características.



Foto Fernando Pedersini, acervo particular

Essa viagem foi muito especial, pois estava acostumado com o Brasil, mais especificamente em meu estado Minas Gerais, onde herdamos uma tradição Portuguesa no tratamento das imagens sacras, de forma que essa representação deveria ser singela, simples e na qual os estereótipos, na época em que as imagens foram feitas, seguiam essas características portuguesas. E na Espanha, a escultura, tecelagem, prataria e música são feitos manualmente (claro, apoiando-se das técnicas atuais, porem tratados de uma forma muito artesanal e singular na produção) buscando atrair o publico com extravagância, delicadeza e beleza.

No começo do trabalho, ao entrar no atelier de Francisco Romero Zafra, meu professor, tive uma sensação tão forte e impactante ao me deparar com seus trabalhos, mais do que quando visitei alguns museus famosos como o Louvre, Lá deparei-me com peças e trabalhos funcionais com uma finalidade real, uma movimentação, um contexto e não apenas para admiração. E o que mais me intrigou foram às prateleiras com várias cabeças em cerâmica. Essa cena me instigava, eu ficava me questionando o porquê dessas peças nesse local, e ao abordar Zafra, obtive uma resposta. O renomado escultor me disse que em minha pergunta estava o motivo pelo qual eu tinha viajado para a Espanha, Zafra disse que o aprendizado de um escultor deve partir de estudos, sejam eles desenhos preparatórios e ate mesmo esses esboços em cerâmica. Falava ele que eu iria aprender a fazer estudos como aqueles e como usá-lo nas peças finais (o que eles consideram a peca em madeira), sejam eles miniaturas ou mesmo cabeças em tamanhos reais. Comecei a trabalhar com isso, tendo como primeiro passo a modelagem e o segundo, o esculpir na madeira.



Foto Fernando Pedersini, acervo particular

A iniciar meu primeiro estudo em cerâmica, tive outro questionamento. Agora minha dúvida era qual o fim e o que se fazia com esses estudos, depois de entregar a peça em madeira finalizada? Minha indagação tinha fundamento, pois se a intenção principal era que as peças fossem singulares, únicas, um estudo ao menos não deveria servir inteiramente a outra peça e meu professor me disse justamente isso, que ao utilizar o estudo seja por questões de tempo ou financeiras, algumas modificações são feitas para que ela acabe se tornando uma peça singular. Disse-me também que o profissional tem que estar mais capacitado, pois para fazer essas modificações a olho nu, precisa saber esculpir e quando não se tem prática, o estudo tem que ser altamente reproduzido. E foi isso que eu fiz.

Perguntava-me também porque peças tão lindas, que eu gostaria de ver em minha casa, ou em um museu, ficavam ali como meros estudos já usados que se tornavam ineficientes, sendo que a originalidade, a expressão e a identidade do escultor, encontram-se nesses estudos cerâmicos, e não na peça em madeira (esta, que passei a ver como cópia, apesar de ser a peça final apresentada ao público). Soube então que alguns eram reparados, dando-se uma base em gesso para fazer pintura a frio, colocando a peça em um suporte e adaptando-a a outras técnicas, como usar tecido de verdade mergulhando-o em água com cola fazendo uma montagem sobre a peça, para depois pintar a frio. É costumeiro a eles esse tipo de trabalho, alguns até adornam com joias e vendem caro, pois eles entendem que nesse estudo se encontra a ideia a inspiração. E para mim, depois de todas essas adaptações, esse estudo encontrava-se adulterado.



Foto Fernando Pedersini, acervo particular

Eu conheci alguns ateliers de outros escultores e todos prosseguiram da mesma forma. Em todos eles, várias prateleiras com estudos cerâmicos, que quando vendidos, eram adulterados com pintura a frio e adaptação de outros elementos. Nada contra, acho isso muito válido, porém o produto original e as marcas do processo de criação acabam sendo encobertos ou removidos, pois essas peças são lixadas para dar melhor acabamento para pintura.

Eu trabalhava com Romero Zafra o tempo todo, ele seguia suas atividades e sempre observava o que eu produzia, até dava uns tapas em minha mão, corrigia e comentava, ou mesmo me fazia abandonar aquela peça e pegar outra, o que significava recomeçar todo processo em novas “toras” de madeira. Zafra percebia que ele era rigoroso ao me solicitar peças idênticas aos estudos já feitos por ele, de tradição espanhola, considerava um erro eu reproduzir seus estudos com minhas limitações e até mesmo minha identidade, minha forma de ver e compreender o que estava aprendendo. Então ele começou a ficar maleável, percebendo que isso era nato, e acabou permitindo que algumas coisas fossem feitas ou que poderiam se manter dentro da minha capacidade. O tempo também não permitia que eu ficasse reiniciando várias peças todos os dias!



Foto Fernando Pedersini, acervo particular

Na Espanha, os horários comerciais são bem diferentes do Brasil. Lá iniciávamos o dia de trabalho às nove horas da manhã e íamos almoçar por volta de duas horas, retornando entre quatro ou cinco horas da tarde. Porém eu não precisava de todo este intervalo de tempo, somente o necessário para almoçar e limpar a cozinha (pois eu estava hospedado e fazia minhas refeições na casa de Zafra). E tão logo essas atividades eram feitas eu voltava correndo para o atelier, lá dentro era tão bom ficar sozinho namorando e aliciando aquelas peças, eu viajava na imaginação, até ouvir as batidas de Zafra na porta, e então recomeçamos o trabalho, que seguia até oito da noite.

Foi no atelier de Francisco, meu primeiro contato com a argila, tive dificuldade para manuseá-la, pois já tinha um pouco de conhecimento do processo de entalhe, onde se retira o material, com a modelagem em argila era o contrário, eu deveria acrescentar. Foi fantástico! Lembrou-me de massinha, que modelamos quando criança. Usá-la era tão gostoso, e ela foi fundamental para o exercício das atividades, que lá realizei e ate mesmo para minha adesão ao curso de Artes Aplicadas da UFSJ. Aprendi algumas técnicas relacionadas a suporte e cocagem. Mais meu aperfeiçoamento se deu aqui na Universidade Federal de São João del Rei na qual pude explorar e aprender várias outras técnicas.

Eu gastei um bom tempo modelando as peças em argila, motivo este que fez com que as peças reproduzidas em madeira não fossem finalizadas em primeira instância. As peças que modeliei precisavam ser ocadas, esperar secar e levar à queima conhecida como biscoito ou queima de baixa temperatura. Então fui trabalhar num estudo que Zafra já havia feito e que estava às vésperas de ser modificado para ser vendido. Esse procedimento foi mais difícil porque modeliei da forma que minha mão compreendia e minhas aptidões permitiam, daí reproduzir em madeira um modelo criado por um grande artista, não foi nada fácil.

Primeiro aprendi a anatomia feminina adulta (a Virgem) e depois trabalhei na anatomia infantil, (o Menino Jesus) o que foi uma grande novidade, pois até então, eu não tinha feito nenhuma criança em tamanho natural. Depois entalhei e terminei as peças em madeira, com muita exigência de qualidade e refinamento. E tive a oportunidade de trabalhar também em outras peças dele.

Lembro que sofri muito, pois eu estava fazendo uma cabeça de Nossa Senhora, um par de mãos e pés, que se caracterizaram, a meu ver, como um processo tranquilo. Mas ao ter que confeccionar um Menino Jesus e utilizar de normas da anatomia infantil, percebi aí uma grande dificuldade, pois essa obra exigia uma inúmera quantidade de detalhes nos dedos, tanto das mãos quanto dos pés, nas dobras e gordurinhas, no tamanho da boca, na abertura da narina dentre outras partes. Isso tudo tinha sido muita novidade para mim, eu errava bastante, e o tempo não permitia mais persistir nesses deslizes. Mais com tudo isso, as peças estavam prontas em madeira, e já policromadas, e como havia dito ainda tive tempo de trabalhar em outras peças, que me proporcionaram mais aprendizado. Hoje estas pecas se encontram na igreja das Mercês de São João Del Rei, MG, tornou-se a Virgem das Mercês sentada com o Menino Jesus no colo, uma peça muito conhecida e venerada não só pelos sanjoanenses mas também por todos admiradores de arte sacra do país.



Foto Fernando Pedersini, acervo particular

Do que vimos em relação aos estudos cerâmicos na Espanha, para meu TCC, pretendo usar somente o que diz respeito à originalidade e ao aprendizado anatômico. Quero que minhas peças fiquem no “biscoito”, com todas as marcas do processo de produção, mesmo buscando dar algum acabamento, não é esse meu objetivo. Meu objetivo é justamente retratar o processo que envolve o tempo, material, a criatividade, pois é isso que importa e que vai

retratar o que aprendi naquele atelier de Córdoba na Espanha com Romero Zafra e no curso de Artes Aplicadas da UFSJ.

4. REFERÊNCIAS NA HISTÓRIA DA ARTE

Baseado em algumas pesquisas na linha temporal da história da arte, pude constatar que o conceito que pretendo abordar não é nenhuma novidade. De formas diferentes, vários artistas já abordaram este tema com finalidades variadas ou até mesmo sem nenhum objetivo aparente.

Na Grécia antiga o processo de criação de esculturas se dava por padronizar as faces com o intuito religioso e até mesmo estético. As figuras não eram realistas, muito mais que isso, se consistia em um processo de produção que seguiam rígidos padrões estéticos.

As pessoas pensam frequentemente que o método empregado consistia em observarem muitos corpos e deixarem de fora qualquer característica que não lhes agradasse; que começavam copiando meticulosamente a aparência de um homem real e depois o embelezavam, omitindo qualquer irregularidade ou traço que não se harmonizasse com a ideia de um corpo perfeito. (GOMBRICH, 2008,p.103)

Assim sustenta a afirmação a professora Dra. Letícia Martins, em um email pessoal enviado por ela a mim quando a indaguei sobre o tema.

Ao mesmo tempo em que os gregos conquistaram o naturalismo (o domínio da representação da natureza tal e qual nossos olhos a percebem), eles também idealizaram essa natureza, excluindo dela toda imperfeição. Para eles, a perfeição não se realizava neste mundo físico, mas apenas num plano superior, ideal. E a arte era o meio de atingir essa perfeição. Assim, aboliram deliberadamente de sua representação do ser humano todas as imperfeições ou marcas muito pessoais: a feiura era deixada de fora, as marcas do tempo também, aspectos marcantes e exclusivos de um rosto ou corpo. A essa forma de pensar a história da arte deu o nome de "o belo ideal". (MARTINS, LETÍCIA, 2013.)

O que quero dizer com isso é que mesmo naquela época, as verdadeiras “faces” eram modificadas na escultura, olhando pelo ponto de vista técnico. É o que pretendo fazer neste presente trabalho, modificar as verdadeiras “faces” estabelecidas pela sociedade ao longo dos tempos, de uma forma conceitual.

Mais tarde, temos Caravaggio com seu “Gran Finale”. A pintura “Davi com a cabeça de Golias” (1609 -1610) na qual o pintor usa de um realismo impressionante nas duas faces retratadas, abordando sua temática pretendida, a de mostrar os dois lados de um mesmo ser, na qual ele se retrata como herói e vilão, magistralmente, na intenção de ser mais bem compreendido e perdoado.

Em vez de representar a total oposição entre a vitória heroica e o mal derrotado, parecem unidos pelo trágico conhecimento de si mesmos. (...) o que é tão extraordinário no autorretrato de Caravaggio é o fato que a imagem que ele vê no espelho pela ultima vez, não é um monstro (...) e sim um homem. (SCHAMA, 2010,p.78)



http://en.wikipedia.org/wiki/David_with_the_Head_of_Goliath

Mais à frente temos algo parecido com Bernini em o busto esculpido de sua amante Constanza (1635-1637), onde nos apresenta uma mulher sensual, um pouco desalinhada para época, retratando assim a sua visão da mulher e fugindo rigidamente ao padrão dos bustos memoriais, no qual se reportavam as pessoas com respeito, integridade e decência.

Essa imagem infringe todas as regras que regiam o retrato da mulher do século XVII. E Constanza, com a linda boca aberta, está falando (...). o que está dizendo evidentemente não é nada respeitoso, e é esse destemor que, num caso único entre seus contemporâneos, Bernini quer saborear e celebrar. (SCHAMA, 2010,p.111)



<http://www.backtoclassics.com/gallery/gianlorenzobernini/bustofcostanzabonarelli/>

Ao longo dos tempos, vários artistas ficaram famosos por suas alternâncias nos papéis de seus personagens, seja em uma prostituta retratada como mulher virtuosa ou ocupando lugares reservados a damas da sociedade, ou mesmo grandes governantes em bordéis. Mais o que importa ressaltar é que, ver as coisas por outro lado não é algo inédito no mundo artístico.

Na mesma linha de pensamento, venho eu, também trabalhar esse tema e alertar aos que presenciarem estes cinco bustos, sobre a importância do direito da dúvida, de dar ao outro a possibilidade de serem vistos com outra perspectiva, ou de poderem apresentar sua versão de um acontecido, A partir de esculturas de argila, venho questionar sobre essa relação social.

5. METODOLOGIA

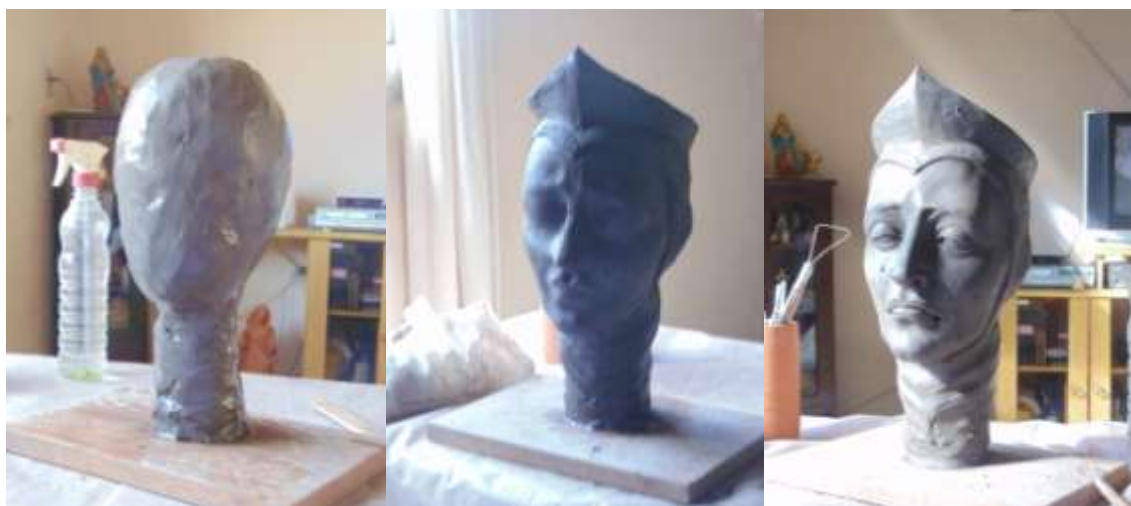
O processo de produção dos bustos em argila apresenta basicamente uma técnica tradicional de modelagem de cabeças tridimensionais, na qual se modelam as mesmas sobre um suporte de madeira aplicando-se placas de cerâmicas sobre o volume pré-moldado de jornal e fita crepe, técnica que aprendi no período em que estive na Espanha e que também desenvolvi na matéria de Modelagem do Corpo Humano no curso de Artes Aplicadas da UFSJ. Eu envolvo o suporte (haste de madeira) com os materiais citados de forma que consigo colocar os volumes onde existe necessidade, para não haver desperdício de argila e para que a peça fique mais leve e facilite na ocagem futura.



Materiais usados e primeira etapa do processo de produção.

Eu recubro esses volumes com placas de argila a fim de obter uma forma geral do que eu desejo, no caso, uma cabeça humana. Após o volume e posição prontos, sendo acrescentados os esboços dos volumes anatômicos como, os olhos, nariz, cabelo e lábios, sendo preenchido também no caso dos homens, o volume da barba. Como as duas figuras femininas que eu fiz não aparecem cabelo, a personagem da madrasta apresentou maior facilidade no processo de confecção. Já na personagem da medusa o volume que não foi em cabelo foi substituído por cobras.

Feito isso, dou início ao processo de modelagem e entalhe dos detalhes, usando de ferramentas como estecas e modeladores de madeira. Com o objetivo de dar maior naturalidade e expressividade às peças.



Etapas do processo de produção

A próxima etapa após a modelagem é o processo da ocagem. Método tradicional no qual se remove uma parte da peça ou repartindo-a pela metade, com o objetivo de dar maior uniformidade permitindo uma secagem homogênea e queima segura da peça. Retiro o volume

de jornal, a haste e o excesso de argila da peça, tentando deixar as paredes um pouco mais uniformes. Não é garantido que fique totalmente uniforme, por exemplo no processo de ocagem da barba ou dos cabelos, eu não removo muito da argila, pois pode haver um sulco que se for profundo corro o risco de que ambos se encontrem, podendo perder a peça, então, ou o entalhe que fiz. É preferível que fique um pouco mais grossa, pois assim conservo a beleza dos detalhes delicados.

A única peça em que não segui a ordem de estrutura, modelagem, acabamento até o momento da ocagem e secagem para ser levada para a queima, foi a do Caifás em que eu modeliei somente a cabeça e sua estrutura humana básica de rosto, o cabelo e a barba. Eu tive que esperar essa peça chegar ao ponto de ocagem, realizá-la, para acrescentar os elementos a mais que encontramos na peça (como o manto), que foram feitos de placa. Acreditei que daria um realismo e uma profundidade maior, por isso optei por este processo.



Processo de ocagem

Estando as peças modeladas, ocas e secas, foram então levadas à queima de biscoito (950°C), e adaptadas em simples bases de madeira, para mantê-las em posição vertical, permitindo que sejam expostas.

6. DESCRIÇÃO DOS PERSONAGENS

O conto Branca de Neve, na versão dos irmãos Grimm, guarda algumas diferenças das muitas versões que se popularizaram antes e após a compilação feita por eles em seu livro. Li alguns relatos na internet e vi alguns filmes para trabalhar a peça em argila. Assisti ao filme de Walt Disney de 1937 que é a versão em desenho de animação da história da Branca de Neve. O filme apresenta a **Madrasta da Branca de Neve** como uma personagem muito sombria e

maldosa, onde não são apresentadas referências do que levou a ser e se comportar daquela forma. Esse filme é baseado na história dos Irmãos Grimm e existem algumas especulações na internet de que todo o escrito por eles no século XIX tinha um fundamento pedagógico e educacional, ou seja, retirar algo de bom. No próprio resumo da história dos Irmãos Grimm, a Branca de neve não é tão boazinha como no desenho de Walt Disney.

No filme é apresentada uma personagem, com cenário, vestimentas e impressões negativas da personagem. É tão má que a personagem não tem um nome. Na minha versão tridimensional, a madrasta acabou obtendo um rosto propositalmente de uma “Dolorosa” como vemos nas igrejas católicas e mesmo assim nessa expressão de dor, perda e inconformismo, ela apresenta a elegância e arrogância que encontramos nas histórias que a descrevem. Qual o meu olhar sobre a madrasta para poder usar este personagem e qual a referência? Basicamente, quero dar uma segunda chance para a personagem, eu não quero que ela se torne boa, o que desejo é mostrar e procurar entender o porquê dela não poder não ser a vilã ou ter a oportunidade de ser compreendida. Vou deixar a cargo da liberdade criativa de quem puder ver este busto pessoalmente.

Espero que as pessoas olhem e digam: “É uma Nossa Senhora das Dores vestida como a rainha de Copas”, como já disseram em minha página de rede social quando postei a foto deste busto. Muitos me disseram que pareciam com imagens de Nossa Senhora, como a *Nossa Senhora de Salete*, que tradicionalmente é retratada chorando. Quero que as pessoas se questionem por que ela tem um rosto triste e de perda, como conhecemos na história cristã de Maria, vendo seu filho Jesus pregado na cruz, o porquê da Madrasta apresentar esse mesmo rosto de dor contrita, lágrimas, mais ao mesmo tempo ser tarjada pela sociedade como vilã. O que pretendo transmitir é que quando uma pessoa consegue controlar seus sentimentos, ela passa despercebida na sociedade imune de julgamentos. Pois como já dizia meu avô, se você quer ser uma pessoa boa, você tem que ser 100% boa, por que se você for 99%, esse 1% será motivo para que você seja julgado e tarjado.

Se uma pessoa é muito boa, pode acontecer algo, que de uma hora para a outra, a deixe exatamente o oposto. Acredito ser por isso que as pessoas, hoje em dia, procuram se controlar para parecerem comuns na sociedade. Porém se deixar transparecer algo que a sociedade considera negativo, ela vai ser apontada, julgada e até mesmo isolada.

O que vejo na madrasta é uma pessoa determinada que devia ter passado muita necessidade na vida para correr tanto atrás de uma coisa com tanta intensidade e crueldade, a ponto de mandar matar outra pessoa, para que não perdesse tudo que havia conquistado. Muitas mães são assim, recusam-se ver os defeitos dos filhos e procuram defendê-los de toda forma,

Negando-se a ver o resultado causado pelos erros que cometeram. Eu vejo a madrasta dessa forma, como alguém cego por um objetivo que procura defender o lugar que conquistou com tanta intensidade, que para ela pode não ter sido apenas riqueza e sim realização pessoal, respeito, reconhecimento.

Se algo como isso acontece com alguém, com certeza será julgada e sua imagem acabará ficando como a de uma vilã, que infelizmente é aceita pelos demais sem questionamento. O meu trabalho tem como objetivo levar este questionamento. Gostaria que a pessoa que analisasse os bustos e refletisse sobre o que a levou a tomar tal atitude? Ela não precisa sair do julgamento impune, porém que seja ouvida.



Madrasta da Branca de Neve, foto Fernando Pedersini

Judas Iscariotes foi um dos doze apóstolos de Jesus Cristo. Mais tarde, ele tornou-se infiel e iníquo, conforme apresentado no Novo Testamento. De acordo com os Evangelhos, veio a ser o traidor que entregou Jesus Cristo aos seus capturadores por 30 moedas de prata.

Sou católico e sempre fui muito envolvido, principalmente na semana santa, onde via cenas muito fortes com o propósito de nos comover, resgatando-nos à religião, e à penitência. Já me questionei do porquê de Judas ser uma pessoa tão ruim, sabendo que ele foi um discípulo de Jesus por tanto tempo. Jesus deveria ter percebido sua índole com sua inteligência. Acho que as pessoas hoje em dia podem se preocupar em buscar fontes, em conhecer os dois lados da moeda antes de tomar uma decisão.

Tive algumas referências de livros e filmes para conhecer meus personagens. Pois graças à facilidade que temos nos dias atuais para se gravar um filme ou escrever um livro, algumas histórias, ou alguns personagens receberam e receberão uma oportunidade de serem releitos, ou revistos por uma perspectiva diferente da padronizada. Assim como é minha intenção neste presente trabalho.

Eu me baseei no filme *Jesus Cristo Superstar* (1973) e outros trabalhos que mostram sua presença. Acredito que Judas tenha sido uma pessoa que lutou por algo que estava em sintonia com os pensamentos de Jesus, e quando não estava mais em sintonia, ele pode não ter sido ouvido. Sentindo-se diferente, ficando acuado e pensativo, transformando, na mesma intensidade, o que era positivo em seu oposto. Acredito que essas diferenças estão nas pessoas que lutam, que querem ser ouvidas e quando se sentem humilhadas e rejeitadas, entregam os pontos. Elas podem se revoltar, querer se vingar, aparecer de alguma forma ou ficar sozinhas. Eu acredito que os Judas de hoje em dia estejam em pessoas de fibra, de boas intenções, mais que se encontram de pés e mãos atados, percebem que precisam de outras pessoas que falam mais alto para colocar seus pensamentos em ação. E quando não recebem o apoio necessário, revoltam-se, rebelam-se, impedindo que os pensamentos os alertem de suas ações. Eu retratei Judas com um semblante de desespero e tentei colocar alguns elementos que o identificassem, o personagem, um Hebreu. Na cabeça tive a intenção de retratar um pequeno turbante, encurtei o cabelo (fugindo do que manda a iconografia cristã, que o apresenta quase sempre com cabelo comprido), para que não fosse confundido com Jesus Cristo.



Judas Iscariotes, foto Fernando Pedersini

A **Medusa**, que em grego significa "guardiã", "protetora", na mitologia grega, era um monstro ctônico do sexo feminino, uma das três Górgonas. Quem quer que olhasse diretamente para ela era transformado em pedra. Medusa era mortal e foi decapitada pelo herói Perseu, que utilizou posteriormente sua cabeça como arma. Sua face era de extrema formosura e seu corpo era esbelto. Não por acaso Poseidon, Deus do Mar, se encantou com Medusa ao encontrá-la envolta por flores primaveris. Ambos fazem amor em um templo dedicado a Atena, despertando a fúria desta deusa, a qual decide punir as Górgonas, transmutando-as em terríveis e monstruosas criaturas. Seus cabelos são substituídos por serpentes com presas

afiadas, suas mãos agora são de bronze, a pele é semelhante à de um lagarto, a língua rodeada por presas de javali, e seus olhos adquirem o poder de petrificar quem os mire. Medusa é a mais pavorosa.

Não fiz um estudo e um desenho próprio, fui direto com a “mão na massa”. A única coisa que tinha em mente era que eu a queria como uma Santa Madalena, onde no lugar dos cabelos da figura Cristã, ela tivesse as serpentes. Mas por quê compará-la à Madalena Cristã? A resposta é porque Madalena é aquela que está em desespero nos pés de Jesus, e Medusa está em desespero constante pela prisão a qual foi condenada.

É interessante quando o busto da Medusa ficou pronto, chamei minha mãe para ver como tinha ficado e por sua tamanha simplicidade gostei de seu comentário em relação a obra. Ela disse que não se parecia com a Medusa e sim, com uma mulher que está triste e sendo atacada por cobras. Fiquei contente, não porque era o que eu queria ouvir, mas sim, porque percebi que minha mãe foi mais além e ao encontro de minha proposta. Ela não viu o monstro que conhecemos, viu uma garota atacada. Gostaria que vissem a obra como se fosse alguém que não quisesse estar/ser assim.

Vejo a Medusa dos dias atuais nas pessoas que apresentam alguma deficiência e que precisam ter muita força para conviver na sociedade atual, suportando seus insultos, preconceito e pouco caso, desconsiderando que o que elas realmente precisam é de respeito, oportunidade e dignidade para viverem como pessoas normais. A Medusa tridimensional me levou a pensar onde realmente se encontra o maior nível de deficiência, na pessoa que apontamos ou em nosso entendimento? A personagem da história teve que viver com esse conflito e amargura, por estar presa a uma condição inumana. Por isso fiz uma versão de menina sofrida, bem como a figura de Madalena, apresentando cobras simples e simbólicas, entrelaçadas, demonstrando possessão sobre a garota, já a Medusa apresenta-se inconsolável, porém conformada com seu destino. Admiro muito as pessoas que passam por cima de seus obstáculos, mesmo com tantas dificuldades e preconceitos, mas alcançam seus objetivos.



Medusa, foto Fernando Pedersini

Caifás foi o sumo-sacerdote em Jerusalém, durante 18 anos. Era saduceu como se observa, na Bíblia, nos Atos dos Apóstolos (5, 17). O Evangelho considera Caifás o líder da conspiração pela morte de Jesus Cristo, declarou que "interessa que morra um só homem pelo povo e não pereça a Nação inteira" e que profetizara já que este "devia morrer pela Nação". (João, 11, 50-51). Tanto os evangelhos de Mateus e João mencionam Caifás como participante de destaque neste julgamento de Jesus organizado pelo Sinédrio; por ser um sumo sacerdote, ele também ocupava a posição de chefe da corte suprema. De acordo com os evangelhos, Jesus foi preso pela guarda do Templo de Jerusalém, e foi levado diante de Caifás e outros, por quem foi acusado de blasfêmia. Após considerá-lo culpado, o Sinédrio entregou-o ao governador

romano Pôncio Pilatos, por quem Jesus também foi acusado de sedição contra Roma. Astuto, manipulador e sagaz são qualidades que poderiam ser aplicadas a Caifás, o sumo sacerdote que presidiu dois dos julgamentos de Jesus.

Um religioso autoritário que alienado em sua religião, condena um inocente, nosso herói cristão, Jesus Cristo, ou que busca incessantemente que ele seja condenado. Ele vai até a lei maior, Pilatos e implora que Jesus seja crucificado. Por qual motivo? Para manter a ordem, a religião e seus costumes e até mesmo seus mais íntimos interesses, acredito. Mas costumo me colocar em seu lugar. Creio que era uma pessoa competente que buscava uma sociedade, com muitas disparidades econômicas, em ordem. Jesus veio para abrir os olhos de quem não tinha nada, dizendo que para Deus todos eram iguais, informações que levou o povo da época a se questionar e criar tumulto, por que se para o Rei dos Reis, todos são iguais, e para nosso rei alguns tem muitos e outros pouco?

Representei o Caifás como um homem sábio e não tão velho, um peso de responsabilidade que carregava consigo, e algo que não chamaria de tristeza, mas sim de arrependimento, por levar alguém à condenação, confirmando sua autoridade e para servir de exemplo aos demais. Ele tem plena consciência do que fez. Por isso o manto que esconde um pouco do rosto daquele que pode ter se arrependido e esteja agora querendo passar despercebido da sociedade que o considera um vilão.

São pessoas que em qualquer cargo, por mais simples que seja, procuram estabelecer ordem e que informações sejam passadas de forma igualitária. E quando se deparam com um “baderneiro”, tomam certas atitudes para que este seja contido. Não que devamos condenar à morte, ou sermos radicais para silenciar a baderna, pois algo útil pode surgir quando todos são ouvidos, e saber respeitar o próximo, dosar as atitudes tomadas tentando sempre entender o outro lado, pode ser a melhor solução.



Caifás, foto Fernando Pedersini

O Vampiro Lestat é o sétimo filho do marquês d'Auvergne, nasceu em 1760, em Auvergne, França, em um castelo pertencente aos seus antepassados. Apesar da sua aparente nobreza ele cresceu em uma pobreza relativa; seus antepassados esbanjaram as riquezas da família dilapidando assim a fortuna familiar. Após quase morrer em um ataque de oito lobos, Lestat cai numa profunda depressão, deixa Auvergne e vai para Paris, com intenção de se tornar um ator de teatro. Conhece pessoas e tem confronto de pensamentos que o leva a se questionar por vários motivos. Durante uma peça, ele atraiu a atenção de um antigo vampiro chamado Magnus, que o rapta e transforma em vampiro.

Ao contrário dos vampiros comuns, Lestat tem uma ânsia incomum pelo conhecimento. Ele é um jovem ambicioso, busca ter uma vida de conforto, qualidade e luxúria. Ele não se fecha em mitos e histórias de terceiros, busca sempre a fonte, a verdade sobre o real poder. Lestat foi interpretado por Tom Cruise no filme de 1994 na adaptação cinematográfica de *Entrevista com o Vampiro*(1994). Stuart Townsend interpretou Lestat na adaptação cinematográfica de *A Rainha dos Condenados* em 2002. Lestat é descrito como tendo 1,80m, com cabelos loiros ralos e olhos cinza, que comumente se transformam em azul ou violeta, dependendo do ambiente.

Acredito que o vampiro não seja tão conhecido, pois por mais que foram lançados tantos livros e filmes, nem todos são apaixonados por crônicas vampirescas e pelo personagem. Relaciono-o com as mesmas características dos personagens citados, a da Madrasta que deseja com todas as forças defender o que conseguiu e da Medusa, um ser aprisionado dentro de uma condição. Lestat, um ser que agora está aprisionado a uma condição de assassino, alimentando do sangue dos seus semelhantes, rompendo sonhos e vidas, porém com a chegada de um certo grau de maturidade ele passa a se alimentar de bandidos e assassinos. Não poderia ele então ser comparado a um herói? Não, Lestat é um assassino e conviver com isso o faz sofrer, ele queria ser adorado, reconhecido, e não odiado e temido.

Eu me identifico muito com Lestat, uma pessoa que tem ambição positiva de realizar seus sonhos de buscar conhecimento mais que se depara com suas limitações e condições. Tanto anseio detido por uma posição inferior, ou ocasionada por uma condição que o impede de ir mais além. Ele tem sede por sangue, mas também por conhecimento, experimentar, arriscar, tenta suicídio e percebe o quanto é forte, apesar do conflito de não poder se apresentar à sociedade como ele é, mas no íntimo sabe do que é capaz. Acredito sermos todos assim, estamos todos presos a regras e regulamentos que nos definem, que nos limitam. Não devemos deixar que algo ou alguma coisa diga quem realmente somos. Devemos respeitar o próximo, e saber que nossa liberdade termina quando começa a do próximo. Todos nos temos situações de desespero e nos perguntamos se estamos no caminho certo. Mas o importante é continuar seguindo, na busca de nos tornarmos pessoas melhores.



O vampiro Lestat, foto Fernando Pedersini

7. CONCLUSÃO

A partir do processo técnico e da composição poética das obras, espera-se que os espectadores sejam levados a pensar e repensar atitudes tomadas pelos personagens, assim como as suas próprias.

Esta reflexão permitirá criar um choque de pensamento e modificação de olhares o que é importante para questionar a forma de ver as coisas. Onde seria a tênue fronteira entre certo e errado? Seria uma questão de unanimidade ou de humanidade? O resultado tende a acrescentar tanto no meio artístico quanto no interior de cada espectador em seus questionamentos e reflexões.

Tenho em meu pensamento que a conclusão de todo esse processo de produção teórico e prático de dar o direito da dúvida ao próximo é algo que acredito resultar em um convívio social menos violento e individualista. Aliar técnicas em argila da escultura figurativa com o objetivo conceitual resultou em obras singulares, com um grande peso social, e com um belo resultado estético. Acredito que repensar a atitude do próximo, no caso de alguns dos vilões mais conhecidos da história, é dar a ele o direito de ser compreendido mesmo que não seja perdoado. Não seria um julgamento, pois isso também é algo que acredito gerar mais conflitos, mas sim uma oportunidade de rever conceitos.

8. REFERÊNCIAS

Bibliografia

SCHAMA, Simon. *O Poder da Arte*. Companhia das Letras, 2010.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. *O que é beleza?* Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense, 2004.

GOMBRICH, Ernest Hans; tradução Álvaro Cabral. *A História da Arte*. LTC, 2008.

Filmografia

JEWISON NORMAN, *Jesus Cristo Superstar*. Universal Studios, 1973.

DISNEY, WALT. *Branca de Neve e os Sete Anões*. Disney, 1937.

JORDAN, NEIL. *Entrevista com o Vampiro*. Geffen Pictures, 1994.

RYMER, MICHAEL, *A Rainha dos Condenados*, Warner Bros, 2002.

MIMICA-GEZZAN, SÉRGIO. *Os Pilares da Terra*. Muse Entertainment Enterprises, 2010.

Sites da Internet

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Branca_de_Neve_e_os_Setes_An%C3%B5es_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Branca_de_Neve_e_os_Setes_An%C3%B5es_(filme)) acesso em 22/01/2014 às 13:39 horas.

<http://www.hierophant.com.br/arcano/posts/view/Lectrice/850> acesso em 22/01/2014 às 14h:10min.

<http://www.estejali.com/2013/09/a-verdade-sobre-os-contos-branca-de-neve.html> acesso em 22/01/2014 às 14h:13min.

VAMPIRO LESTAT http://pt.wikipedia.org/wiki/Lestat_de_Lioncourt, acesso em 02 de Fevereiro de 2014 às 21h: 20min.

MEDUSA [http://pt.wikipedia.org/wiki/Medusa_\(mitologia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Medusa_(mitologia)), acesso em 02 de Fevereiro de 2014 às 21h: 30min.

MEDUSA <http://www.infoescola.com/mitologia-grega/mito-medusa/>, acesso em 02 de Fevereiro de 2014 às 21h: 32min.

VAMPIRO LESTAT http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Vampiro_Lestat, acesso em 02 de Fevereiro de 2014 às 21h: 15min.

CAIFÁS <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caif%C3%A1s>, acesso em 02 de Fevereiro de 2014 às 21h: 20min.

CAIFÁS [http://www.infopedia.pt/\\$caifas](http://www.infopedia.pt/$caifas), acesso em 02 de Fevereiro de 2014 às 22h: 13min.

JUDAS http://pt.wikipedia.org/wiki/Judas_Iscariotes, acesso em 02 de Fevereiro de 2014 às 21h: 35min.